Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Amazônia Ocidental
Rodovia AM 010, Km 29, Caixa Postal 319, CEP 69010-970
Fone (92) 3303-7800 Fax (92) 3303-7820, Manaus, AM
http://www.embrapa.br/sac/
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Equipe Técnica
Ana Maria Santa Rosa Pamplona
Adauto Maurício Tavares

Revisão de Texto
Maria Perpétua Beleza Pereira

Diagramação e Design
Gleise Maria Teles de Oliveira
Doralice Campos Castro
Larissa Alexandra F. Moraes
Anna Carolina Azulay de Azevedo - Bolsista Pibic/Fapeam

Fotos
Ricardo Andreaza
Ana Maria Santa Rosa Pamplona

Tiragem
1.000 exemplares

CGPE 12707

Embrapa
Amazônia Ocidental

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
BRASIL UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Amostras para Exames Fitossanitários

Embrapa
Amazônia Ocidental
Manaus - AM
Setembro - 2003

O monitoramento sistemático de uma cultura, com inspeções rigorosas, possibilita a detecção em tempo hábil de determinado inseto prejudicial ou não à lavoura.

Algumas vezes as plantas sofrem com a ação de diversos agentes abióticos, como o excesso ou a falta de nutrientes, ventos fortes, manejo inadequado da cultura, excesso de água e muitos outros problemas, que acabam por ser imputados ao ataque de insetos.

A simples presença do inseto não o configura como praga; para assim ser considerado, tem que haver prejuízos econômicos. Isso não é aplicável a todos os insetos. Os sugadores de seiva, por exemplo, debilitam a planta ao alimentar-se, mas principalmente são potentes transmissores de viroses. Portanto, havendo doenças nas proximidades da cultura, torna-se imprescindível evitar todos os indivíduos que possam servir como agentes transmissores (Fig. 1).

Fig. 1. A) Mosca-branca; B) Tomate com virose.

Cada caso tem suas peculiaridades, mas de forma geral os prejuízos em um plantio podem ser reduzidos, na medida que é feito o rápido diagnóstico do problema e são adotadas medidas de controle.

Ao especialista deve ser encaminhado, em caráter de urgência, o material atacado e se possível o agente causador.

As partes atacadas devem ser acondicionadas em sacos de papel ou caixa de papelão cuidadosamente lacrados e etiquetados com o nome do cliente, da cultura e a data da coleta.

Nas plantas infestadas com ácaros e trips, o recomendável é acondicionar as amostras vegetais em sacos de papel e posteriormente em sacos de plástico. Se no momento da coleta houver somente sacos de plástico, as amostras poderão ser neles acondicionadas; entretanto, o envio deverá ser imediato (no mesmo dia). Caso contrário, o ideal é mantê-las em refrigeração, remetendo-as no dia seguinte.

Todo o material deverá ser acompanhado de uma ficha com as informações anteriores e mais o nome vulgar da planta, idade, tamanho da área cultivada, manejo cultural, percentagem de ataque, retrospectiva de plantios anteriores no local, sintomas de ataque (na parte aérea ou no solo), condições de infestação (geral ou reboleiras), e outras informações que achar pertinente.

Uma questão importante na coleta é recolher amostras com sintomas em várias faixas (pontos) do problema, exceto plantas mortas e ressecadas. Esses cuidados ao coletar possibilitam ao especialista uma visão mais próxima da realidade.

Outra decisão que somente o coletor pode tomar é quanto à quantidade do material a ser recolhido (se a planta inteira ou apenas partes do vegetal).

No caso de árvores, o indicado são folhas, galhos, flores ou frutos infestados. O importante é que as amostras sejam representativas da área afetada. No entanto, se o dano for nas raízes, deverão ser enviados o vegetal e também um pouco de solo. Como pode ser observado, a decisão é individual, e quanto mais evidências, maiores as possibilidades de controle, pois menores serão as dúvidas do especialista que está distante da área de ocorrência.

As pragas deverão ser encaminhadas em frasco contendo uma solução de álcool (3 partes) e água (1 parte). Não havendo necessidade de grande número de indivíduos.

Outra medida que não pode ser esquecida é o tempo máximo entre a coleta do material infestado e o exame no laboratório, que nunca deverá ser superior a 48 horas.